

GALERIA REPUBLICANA

Editor e proprietario — JOÃO JOSÉ BAPTISTA

Director: — Magalhães Lima. — **Collaboradores:** Augusto Rocha, Alexandre da Conceição, Alves da Veiga, Antonio Furtado, Anselmo Xavier, B. Machado, Bernardino Pinheiro, Costa Goodolphim, Gomes Leal, G. Benevides, José J. Nunes, J. M. Latino Coelho, Reis Damaso, Rodrigues de Freitas, Silva Graça, Silva Lisboa, Teixeira Bastos, Theophilo Braga, Trigueiros de Martel

PHOTOGRAPHIAS DE ANTONIO MARIA SERRA

Numero 11

Junho — 1882

1.º anno

RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO

O *Seculo*, folha republicana, que tenho a honra de redigir desde o seu primeiro numero, apreciando não ha muito ainda, a poderosissima organisação de Raphael Bordallo Pinheiro, escrevia o seguinte:

«Assim como na banalidade politica portugueza ha a figura grotesca e occa de Arrobas, o tigre, no jornalismo peninsular ha a figura eminentemente viva, original e scintillante de Bordallo Pinheiro, um artista, que vale um exercito, um propagandista que vale uma revolução. Bordallo Pinheiro é para a sociedade portugueza contemporanea o que Tacito foi para o imperio romano, quer dizer, o seu chronista mais justo e mais indignado. Ha no poderoso temperamento d'este extraordinario artista a nota alta e vibrante, que faz lembrar as coleras de Danton e a eloquencia de Vergniaud. É assombroso e é unico.

«Cada caricatura d'este artista é um grito de revolta contra a conspiração secular do espirito monarchico — fradesco, que fez de Portugal esta nação molle e incaracteristica, sem vida e sem alma, que ahi anda a matroca no grande mar da civilisação europea, sem rumo e sem individualidade. Bordallo Pinheiro vingá-nos de toda este espantosa decadencia, demonstrando quotidianamente, pelas scintillações do seu genio artistico, o que pode ser para a elevação da alma d'um povo um espirito vigoroso e fecundo.

«Bordallo Pinheiro é como artista um revolucionario e como revolucionario um creador.»

Com a transcripção d'estas linhas, quero

de antemão significar aos que me lemrem que não é meu intuito desenhar aqui o perfil litterario de Bordallo Pinheiro, mas unicamente critical-o sob o ponto de

moderno, isto é, em favor da justiça e da democracia.

Bordallo Pinheiro é, acima de tudo, um republicano. As suas obras são justamente collossaes, pela verdade que encerram e pelo ideal que as inspira. Podia Bordallo Pinheiro ser um sectario ferrenho do monarchismo ou do clericalismo; os seus trabalhos haviam porém, de resentir-se naturalmente de uma falsa noção de arte, como falsa e mentirosa é tambem a doutrina monarchica e clerical; o seu genio amortecerá irremessivelmente, e a sua faculdade inventiva estiolaria, sem duvida, á mingoa de seiva e de vibração cerebral.

Considerando-o assim, o nosso intento é evidentemente prestar uma homenagem decidida e sincera ao primeiro demolidor portuguez e ao mais ardente e terrivel propagandista dos principios democraticos entre nós.

Insistamos na phrase acima transcripta, porque nunca se perde em insistir na verdade:

«Bordallo Pinheiro é como artista um revolucionario e como revolucionario um creador.»

Data do *Calcanhar de Achilles* a celebridade de Bordallo, como o unico e já agora o inimitavel creador da caricatura em Portugal. Na sociedade portugueza o seu logar é perfeitamente correspondente aos occupados no estrangeiro por Cham, por Gill,

por Ortego, por Henry Monier, por Cruikshand. Em abono da verdade, seja-nos porém licito notar, que, relativamente ao meio em que vive e á escassez de elementos estheticos, que o rodeiam, Bordallo é superior a qualquer dos supra-mencionados artistas, não só pela delica-

vista revolucionario e demolidor. Será essa a minha missão como homem politico que sou, e é esse tambem, em meu juizo, o alvo a que certamente mira a *Galeria Republicana*: — aproveitar dos biographados tudo quanto elles tem produzido de util e de salutar em favor do ideal



RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO

deza do traço como pela exactidão dos desenhos, não só pela concepção, perfeitamente genial, que preside a todas as suas obras arrojadíssimas, como pelo ideal de justiça e de verdade, que, em tudo e por tudo, transparece nos seus trabalhos monumentaes.

«Depois de alguns mezes de correrias artisticas por terras de Hespanha — refere conceituosamente o seu inseparavel e unico companheiro, Guilherme de Azevedo — adornecendo ao som das *malagueñas* e accordando ao ruido das fusiladas, Bordallo Pinheiro volta a Lisboa e desenha então a *Lanterna Magica* em que as suas supremas qualidades de caricaturista se accentuam definitivamente.

«Da mesma forma que Henry Monier creára em França, dando-lhe formas lineares, sensiveis, o typo de Joseph Prudhomme, a encarnação do espirito constitucional e burguez de França, Raphael Bordallo cria na *Lanterna Magica*, o *Zé-Povinho*, a representação symbolica da ingenuidade lórga da sua terra.

«Isto é, Bordallo Pinheiro, achára, como um supremo artista, a formula exacta, representativa do estado social e politico de Portugal, da mesma forma que Henry Monier, achara a da França.»

Da vastissima galeria de typos, creados e illuminados pelo lapis scintillante e sempre fecundo de Bordallo Pinheiro, é seguramente *Zé-Povinho*, um ingenuo, um eterno explorado pela corrupção monarchica e clerical do nosso tempo, o typo mais completo e mais bem acabado. *Zé-Povinho*, na sua encarnação lórga e boçal, não é apenas uma figura qualquer, feita para despertar o riso e a gargalhada das multidões. Longe d'isso, elle por si personifica uma sociedade aviltada pela oppressão dos grandes e dos poderosos em que o abuso é lei, a immoralidade norma de vida, e a ignorancia e a miseria o unico fim dos governos, que ha perto de sessenta annos nos tem espoliado e escravizado em proveito proprio, quando não nos espoliam e escravizam em proveito da curia romana ou do estrangeiro.

Bordallo Pinheiro, creando este admiravel typo, fazendo girar todos os acontecimentos nacionaes em redor d'um personagem, tão profundo de verdade como generoso e grande nas intenções e no espirito, provocou por si a anarchia no existente e proclamou bisarramente o realismo na arte e a dignidade na politica.

E' por isso que o *António Maria* e o *Album das Glorias*, são hoje das publicações mais notaveis do mundo — precisamente porque representam uma obra justa, uma obra verdadeira, uma obra humanitaria, uma obra de emancipação politica e social. E por isso é tambem, que o povo — a grande massa productora e trabalhadora por excellencia — consagra a Bordallo Pinheiro a mais viva sympathia e o mais desinteressado enthusiasmo — precisamente porque elle é apostolo sincero de uma causa santa, e porque é o campeão audacioso dos seus direitos ultrajados e das suas liberdades escarnecidas. Mais tarde, quando a historia, no seu juizo recto e inflexivel, tomar conta d'esta

época, ha de apurar em Raphael Bordallo Pinheiro uma consciencia altiva, um espirito soberano, que soube comprehender, identificando-se com elles, o ideal dos que soffrem e a aspiração dos que anseiam por um reinado de luz e de bem-estar social. E nem mais é preciso para a immortalidade de um artista ante a historia e ante a consciencia humana! Bordallo Pinheiro conseguiu já o que a poucos tem sido dado conseguir em vida — o ser um immortal perante as gerações presentes e futuras!...

A caricatura no desenho, como a ironia na litteratura, como a opera comica no theatro é perfeitamente do nosso meio e do nosso tempo. Raphael Bordallo é, sobretudo, um artista de uma actualidade palpitante; vivo, rapido; originalissimo na conversação, amando por igual o imprevisito e o extraordinario, de uma dedicação unica, como amigo e como compaheiro. E' um intransigente, que procura satisfazer á sua consciencia, pondo invariavelmente de parte os seus interesses e as suas conveniencias pessoais. Foi por isso que no Brazil não fez fortuna, e é por isso que em parte alguma do mundo logrará fazel-a, eston convencido.

Impressionavel por temperamento, como todo o artista, ha n'elle todavia um traço que o caracteriza salientemente — a comprehensão nitida dos seus deveres, como homem e como revolucionario. Para Bordallo, assim como para nós outros, os republicanos, ha principios que se defendem e injustiças que se combatem. E n'este sentido, por tal forma elle tem preenchido a sua missão na sociedade portugueza que conseguiu já ser um homem temido e perigosissimo, o maximo a que se pôde aspirar n'um paiz, bestializado pelo fanatismo religioso e nunca assás explorado pelos comilões do orçamento monarchico...

Muito ao correr da penna ali fica um dos traços phsyionomicos d'este grande revolucionario, d'este eminente artista, tal qual o phantasiámos na nossa humidade politica. Não nos pertence a nós certamente o encaral-o por outro lado diverso do que aquelle por que o fizemos n'esta ligeira apresentação. Escriptores abalisados se tem occupado d'elle com respeitosa admiração. O seu nome é hoje universal. Não pertence a este ou áquelle povo. Pertence á historia de todos os povos. O que d'elle se tem escripto é nada, relativamente ao que do seu extraordinario trabalho está ainda por escrever.

No dia 13 do corrente fez tres annos que o *Antonio Maria*, o valente soldado da revolução portugueza, sahi pela primeira vez á luz da publicidade. Cabe-nos d'este modo a honra de enviar d'aqui d'envolta com a nossa saudade profundissima por Guilherme de Azevedo, um chronista inimitavel e um amigo nunca esquecido, as nossas mais ardentes felicitações ao nosso querido amigo, ao grande e bene-

merito artista Raphael Bordallo Pinheiro — Que elle as receba tão sinceras, como sincera é a admiração que lhe consagramos.

MAGALHÃES LIMA.

À MORTE DE GARIBALDI

Morren o bravo heroe, o grande general!
Seu nome percorreu um mundo de gloria
Silencio! respalite o valoroso genio;
Descansa sob a lousa o anjo da victoria.

Silencio! Esse bravo achou na fria camp
O descanso e a paz, o bem da eternidade.
Finou-se o luctador que trouxe a nova luz
D'uma nação inteira — a meiga liberdade.

Ergamos sobre a camp a um valido trophée
Em honra a essa gloria, ao nobre coração.
Ha-de chorar o mundo o heroe do Piemonte
Que foi da liberdade o grande campeão.

ALFREDO CARNAL.

À saudosa memoria de José Garibaldi

Esse, martyr de heroica esperanca,
Abraçado da Italia á bandeira,
Não o percas jamais da lembrança;
Viva n'elle a tua luz derradeira.
F. G. D'AMORIM.

Morreu Garibaldi! Eis as laconicas palavras que o telegrapho acaba d'espallhar pelas cinco partes do mundo. Que laconicas, mas que terriveis! Essa deusa, esse symbolo a que se chama a Liberdade está envolvido n'um denso crepe, porque a Italia conta de menos um dos seus patriotas e a historia inscreve nas suas paginas um nome venerando.

Morreu Garibaldi, mas os seus principios, as suas idéas prevalecem, porque ao tumulo desce o cadáver e para a humanidade ficam as suas doutrinas.

Todo o homem que professa as idéas de Liberdade, todo o homem que tem um coração que palpita pela patria devia, ao ter recebido a funesta noticia, sentir roiar pelas faces uma lagrima de saudade, uma lagrima de dôr.

Esse vulto que o tumulo acaba de esconder, que a morte acaba de roubar será sempre respeitado não só pela Italia, a favor da qual combateu, mas pela grande familia humana por quem trabalhau.

A todo o liberal compete prestar homenagem a esse benemerito, mostrando assim que sabe respeitar a saudosa memoria d'aquelle por quem a Italia chora.

Pouco importa que algum queira desprestigiar o seu nome honradissimo, porque ainda ha quem tenha coração generoso para tributar preito áquelles que tem guiado a humanidade na vertiginosa carreira da emancipação e civilização social.

Italia, chora o teu filho, humanidade, chora teu irmão, e tu, Liberdade, chora o propagador dos teus principios.

Lisboa, 11 de junho de 1882.

A. C.

SONETO

Quem ousa censurar que a regia mageste
quizesse prohibir as festas populares,
onde a falsa libré dos nobres titulares
é a perdidã roupetta, opposta á caridade?

não tinham cabimento? A corte, a ociosidade
tentam navegar em tão revoltos mares?
O vento era ponteiro, e não de Manzanara,
trazia na corrente o verbo — liberdade.

Ninguém prestava culto ao nome escandaloso
d'um sanguinario rei, ou papa vicioso,
para servir do gaudío à velha instituição

que exalta, folja e ri, se acaso a patria chora,
A festa era o raiar da mais brilhante aurora,
as trévas com a luz incompatíveis são.

ANSELMO XAVIER.

Evolução; Revolução

A democracia contemporânea, por muito tempo servida no campo especulativo apenas pelas vagas aspirações do jacobinismo revolucionario, pela doutrina dos confrontos historicos e dos exemplos politicos, e pela incoercível percepção de novos ideaes, recebe agora novas e mais seguras razões e argumentos com o advento e progressos do transformismo. A brilhante theoria que Darwin pode levar até a sua plena efflorescencia e universal expansão, constitue tambem o mais poderoso meio de analyse para os complexos factos sociologicos.

Na serie embryologica, synthese do trabalho organico que houve de produzir-se á superficie da terra para o apparecimento do homem, este é só um organismo, cuja estrutura elevada a um grau de differenciação mais completa, se acompanha por uma especialisação funcional parallela-mente aperfeçoada.

Na serie anthropologica, o homem, primeiramente troglodita, anthropoide, dotado de instinctos perfeitamente bestiaes, veio subindo até lançar as bases e delineamentos das proto-civilisações elementares.

Na serie historica o homem sabiu gradualmente da fluctuação cega e insciente das suas raças sobre o globo para a posse plena e consciente d'esse mesmo globo por um grupo, em cujas mãos está agora condensada a hegemonia dos destinos humanos.

Na serie politica o homem partiu da concepção theologica e heroica da auctoridade, até rehavella e conquistalla pela conclusão scientifica de que a auctoridade emanava do seu proprio ser e actividade.

De modo que abstractamente considerado, o homem, oriundo das mais humildes, rasteiras e confusas origens animaes, logrou atingir a comprehensão do seu ser, da sua omnipotencia racional, do seu destino messianico.

Tal é o ideal, o typo humano no momento presente. Este typo é o ponto convergente de todos os esforços individuais e sociaes, e portanto o criterio superior do direito.

Definido este principio, conclue-se immediatamente que é incompativel com a generalisação do seu conhecimento a preponderancia de castas circumscripitas, — infimas, minorias no meio das populações e grupos nacionaes; bem como ha tambem incompatibilidade entre a aspiração juridica das massas e a persistencia de uma auctoridade, emanada das noções theologica e heroica, vagamente concebidas nos primordios da historia. Esta concepção da

auctoridade é com effeito immensamente distante da actual concepção typica do direito humano; e o formalismo que praticamente a reveste torna-se, portanto, incompativel com as necessidades presentes de uma formula concreta apropriada, que só pôde dar-nos um regimen diferente, — o regimen democratico.

A conquista d'este regimen, pelas proprias condições da evolução, não se faz por igual no tempo e no espaço á superficie da terra. Ha uma tendencia constante e uma permanente aproximação para o ideal onde convergem n'este momento as atenções e esforços psycho-sociaes da especie humana. Este movimento de convergencia opera-se ininterruptamente e com tanta maior evidencia quanto menor é a distancia. A lei que o regula tem alguma cousa da lei da gravitação, se é apropriado comparar duas ordens de phenomenes, collocados a tamanha distancia na serie dos actos da vida universal.

Não é sereno e uniforme o processo por que se executa o movimento. Aqui se observam, do mesmo modo que em qualquer outro agrupamento de seres, as leis eternas, de cuja acção constante tem resultado a vida e o progresso dos organismos, — a lucta pela existencia, a selecção natural. A primeira tornará penoso e cheio de accidentes o advento da democracia, mas assegurar-lhe-ha o triumpho definitivo como a noção psychica mais bella, mais poderosa, mais resistente, que até agora o cerebro humano pôde trabalhar. A segunda assegura o apuramento das conquistas humanas já effectuadas no sentido democratico, e bem assim a duração no tempo e a transmissão de paes a filhos d'esse regimen; e no conflicto de alianças entre varias doutrinas sociologicas regula o aperfeçoamento das noções democraticas, e define-lhes os caracteres que hão de fixar-se, transmitir-se e durar.

De toda esta incessante elaboração resulta necessariamente eliminarem-se e desaparecerem as formulas correspondentes ás noções politicas retardatarias, enfezadas ou mortas. A maneira por que se ha de operar esta eliminação pôde ser brusca, repentina e transitoria, ou continua, ininterrupta e duradoura. E' isto o que na linguagem dos nossos jornaes corresponde respectivamente aos termos *revolução* e *evolução*. D'aquellas duas maneiras uma não exclue a outra, e o progresso das idéas, como o dos seres, faz-se de ordinario, por actos desordenados, na apparencia perturbadores, e instantaneos, ou por actos continuos, regulares e demorados, em varia e imprevisita combinação. As chamadas *revolução* e *evolução* não constituem dois factores antagonicos, mas duas phases do mesmo processo natural.

AUGUSTO ROCHA.

CAMINHEMOS

Se consultarmos a historia interrogando uma a uma todas as suas paginas, veremos, em cada uma d'ellas, erguido um marco indicador, que cada periodo de flo-

rescencia levantou no seu seio, regulando a marcha das sociedades,

A evolução progressiva do espirito humano, consubstanciando-se nos elevados principios do direito, da justiça e da equaldade, foi, de pouco a pouco, entre as transformações dos tempos passados, desmorrando os monumentos, que cada epocha, segundo a sua formula de progresso, ia erigindo, como symbolos de civilisação, até proclamar sobre todas estas ruínas a soberania absoluta das nações e a abolição de todas as tyrannias, legadas por muitos seculos de oppressão e ignominia.

A evolução social, marcada no correr dos seculos por monumentos immorredouros, outros tantos astros que illuminam a historia dos povos, cahiu fecunda, ao primeiro sópro de vida, junto do berço dos primeiros homens. O movimento progressivo da humanidade é a sua evolução em todas as suas manifestações. *Caminhar* é a lei social, que os tempos modernos inscreveram na sua bandeira; e Republicana, o precioso emblema que glorifica a sua alma.

No seculo viii, as invasões violentas das raças barbaras do norte e do meio dia, quebraram-se junto das fachadas das cathedraes, depois de passados trezentos annos de angustias e agitações. As corças reaes vieram, humildes, depor-se no limiar dos templos sagrados, e dos seus claustros soberbos, entre os canticos melodiosos do christianismo, se legislava para o mundo inteiro.

No seculo x, o despotismo de guerras violentas e o direito brutal da força, consummados duzentos annos do feudalismo, surge a instituição do municipio, redempção de um povo opprimido e servil, que os senhores feudaes escravizavam com a sanção do poder papal. O ideal da dignidade e do direito aborrecia na instituição municipal; e a justiça de tão santa causa, disputada pelo aço luzidio das lanças feudaes, implantava-se no seio dos povos, rasgando para sempre as cartas dos senhores.

Era o progresso do espirito humano.

No seculo xvi, o pensamento da liberdade e da tolerancia fermentava entre as diferentes seitas, que a igreja perseguiu ferozmente, iniciando nos povos uma idéa nova, a qual, só depois de decorridos quasi cinco seculos, se traduziu, por effeito de revoluções populares, em leis positivas e fundamentaes.

Era a estrella da Renascença, erguendo-se acima dos horisontes annueados da historia, que annunciava o advento de uma epocha de redempção.

Era, ainda, o progresso do espirito humano.

No seculo xvi e no seculo xvii, quando as auras vivificantes da Reforma e da Philosophia se insinuaram nas classes medias, opprimidas do decorrer de muitas gerações, pelo despotismo dos cesares do direito divino, dando-lhes alento para empenhar as luctas, por contagiosa e infeccionada a athmosphera sob que viviam, e animando-as, ainda, no seu captivo de escravidão a luz fascinante de Lutero, que se revoltava contra o poderio dos reis e dos sacerdotes, é, então, n'esta nova

era para a humanidade, que o espirito humano, no seu labutar incessante, ameaçando o passado ao combate, se guinda ás maiores alturas do progresso; é d'ahi, d'essas eminencias, bafejadas pelas virações salutaras d'outro rumo, que lança os primeiros alicerces da *Revolução* com o juramento solemne, prestado sobre as feridas profundas do povo, que o velho edificio se desmoronará, erguendo-se das suas cinzas um mundo completamente novo.

Inicia-se a vida nova nas soberbas luctas do pensamento.

No seculo XVIII, foi a encyclopedia, com toda a phalange illustre de grandes pensadores, como Fontenelle, Targot, Quesnay, Condorcet e outros rijos campeões do progresso, que abriu, como athleta do porvir, uma profunda brecha nos altivos baluartes do passado, que era a tradição e o privilegio. A personalidade humana accentuou-se com vigor n'esta lucta gigante; aos direitos do estado oppuseram-se os direitos do homem; á theocracia levantou-se a democracia; ao direito divino, o direito e a justiça para todos e para cada um; ao privilegio a egualdade perante a lei; á escravidão a fraternidade, e á oppressão a liberdade.

O progresso do espirito humano na sua obra de evolução, realison, n'este periodo, a demolição das velhas instituições, que contavam a sua existencia por dezoito seculos de poderio. Admiravel!

A *Convenção* foi assombrosamente gigante.

O progresso do espirito humano, pairando por cima d'aquella assembleia de semi-deuses, tinha-lhe insuflado na alma uma potencia quasi sobrehumana. Depois de desthronado o passado e illuminado o futuro, ella, a *Convenção*, que synthesisa a epopea mais alevantada da historia, esmaga na Venda a hydra da reacção, que ameaçava devorar-lhe as entranhas, e abate nas fronteiras a arrogancia da cohorte faminta dos reis, que mirava aniquilal-a. Um verdadeiro prodigio.

No seculo XIX, dito seculo das luzes, a gigante lucta do progresso, no seu labor de evolução, caminha aos brados entusiastas de: *Viva a Republica!*

A corrente liberal avoluma-se cada vez mais pelas fluencias generosas da sciencia positiva, e pelos esforços de mil heroes, que a historia regista nas suas paginas. O povo do velho mundo, tendo experimentado as agruras e os desenganos de umas ruins formas politicas, sem existencia prestigiosa e acreditada, e revestidas de umas luzentes lantejoulas de mal fingida soberania popular, congregam-se á luz do dia, proclamando, mesmo debaixo das janellas dos paços reaes, onde se extingue a frouxa luz de uma ficção, os soberhos principios do movimento herculeo de 89.

Desde as geladas regiões da Russia, autocrata, até ás praias nuas e escavadas da velha Lusitania, manifestam-se umas profundas convulsões no centro dos povos, que são o precursor de um breve desmoroamento social. Os apóstolos do progresso, obreiros do futuro e missionarios ardentes de uma nova fé, que é a *Fé Republicana*, retemperando-se com o herois-

mo de verdadeiros martyres, n'esta epocha infecunda e ruinosa de transição, onde a vil realteza não tem um servidor leal e digno.

A creença moderna, que comprehende este seculo, porque é de todos, é a condensação do trabalho intellectual de muitos seculos de lucta; é o fructo gerado entre as forças vivas das sociedades humanas. Cada grande periodo na historia tem a sua formula de progresso; a do seculo XIX é a Republica.

Não retrogademnos para as brenhas escuras do passado, mas sim caminemos para os vergeis formosissimos do futuro. O movimento é a vida; quem diz movimento, diz progresso; quem diz progresso, diz liberdade, e quem diz liberdade, diz *Republica*.

A America, a França e a Suissa, republicanas, impõem-se na historia como os modelos das melhores civilizações do mundo.

Caminemos, e abracemos com todo o entusiasmo da nossa alma e da nossa robusta fé liberal e republicana as sympathicas e formosissimas formulas do progresso do espirito humano. Retrogadar é viver nas trevas; é o mesmo que a morte. Estacionar é o desalento intellectual, é a morte lenta.

Caminemos.

Bragança

PAULO DE BARROS

CHRONICA

A chronica da *Galeria Republicana* traça hoje de lucto. Morreu Garibaldi, o valoroso soldado da liberdade, o intrepido patriota, unificador da Italia.

Está pois, de lucto o partido republicano. José Garibaldi, um heroe, deixou de viver para a patria e para a liberdade, mas renasceu perante a historia e a consciencia dos povos. E' um immortal.

Prestemos por isso, homenagem sincera a nome tão illustre.

Garibaldi pertence a essa raça de heroes, que imprimem cunho aos seculos e ás civilizações. Surgem, de quando em quando, á similhança de um Messias para libertar a humanidade da tyrannia dos reis e da oppressão dos padres. Elle pertence ás figuras proeminentes descriptas por Homero, a essas figuras, que das *Thermopylas* se dirigem em linha recta á revolução franceza. Elle é tamanho como Danton, porque, como elle, é audacioso e patriota. Elle é tão sincero, como Saint Just, porque, como elle, combate o clericalismo e deseja o bem da humanidade.

Dante gravou em bronze os seus tercetos immortaes; Miguel Angelo produz os *frescos da capella Sixtina*, e as figuras magestosas de *S. Pedro*, de *Moysés* e a *Noite* um eterno poema; Leonardo de Vinci, Raphael, Tasso, Petrarcha, todos, uns pelo escôpro, outros pelo pincel, outros pela penna, procuraram tornar bella a sua querida Italia, a *alma mater* das civiliza-

ções antigas. Mas Garibaldi, que só a Mazzini se poderia comparar na acção e no estoicismo, não se limitou simplesmente a tornal-a bella e adorada, mas tambem livre, una e independente, o que é muito, o que é tudo.

E a este heroico romeiro da civilização moderna nega a camara portugueza um voto de sentimento nas suas actas!

Não se tratava decerto de subsidiar corridas de cavallos, de approvar negociatas de Torres, de dar dinheiro para viajatas reaes, e lisonjas ao monarcha; por isso a camara dos deputados se mostrou coherente.

Entendeu que a um homem honrado, ao mais honrado dos revolucionarios modernos, não podia legitimamente prestar as suas homenagens, e entendeu bem. Pouco importava que Victor Manuel lhe devesse o throno, e que, graças aos esforços d'esse benemerito, a sr.^a D. Maria Pia fosse rainha de Portugal! O que importava era não melindrar a companhia de Jesus, com quem o governo anda de ha muito communicado.

Entre o rei e o povo o divoreio é pois, completo. Garibaldi é o supremo patriotismo, a suprema heroicidade, o supremo desinteresse. Os congressos catholicos acclamam Pio IX e Leão XIII; acclamemos nós, o povo, José Garibaldi, o valoroso soldado da republica.

Digamos com um nosso collega: «Nasceu Garibaldi. Honremos a sua memoria!»

SILVIO.

EXPEDIENTE

Com o proximo numero terminam as assignaturas de seis mezes, por isso pedimos aos nossos estimaveis assignantes que desejarem continuar, a fineza de mandarem renovar as mesmas, para não soffrerem enterrupção na remessa, pois como sabem é uma das clausulas do nosso programma não enviar o jornal sem que esteja previamente pago.

A administração.

Condições da assignatura

LISBOA	
Trimestre ou 6 numeros.....	240
Semestre ou 12 numeros.....	480
PROVINCIAS E ILHAS	
Semestre ou 12 numeros.....	500
Anno ou 24 numeros.....	1000
PARA O ESTRANGEIRO	
Accresce o porte do correio.	
BRAZIL	
Anno ou 24 numeros, moeda forte.....	26400
Avulso 50 réis, e 15 dias depois da publicação 100 réis.	

No proximo numero daremos o retrato de Costa Goodolphim.